

**Influência da Socialização da 3º Infância na Construção da Autoestima do Adulto**

**Martha Gonçalves Vaz**  
**Tatiana Valéria Emídio Moreira**

**Universidade Evangélica de Anápolis – UniEVANGÉLICA**

**Nota do Autor**

Martha Gonçalves Vaz, discente do curso de bacharelado em Psicologia da Universidade de Anápolis – UniEVANGÉLICA;

Tatiana Valéria Emídio Moreira, psicóloga, Mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás e docente do curso de graduação em Psicologia na Universidade de Anápolis – UniEVANGÉLICA.

### Resumo

O presente trabalho será uma pesquisa bibliográfica, exploratória, de natureza básica, na qual pretendemos expandir o conhecimento abordando a autoestima do adulto com base na sua construção e estruturação na terceira infância, área na qual engloba a autoestima, terceira infância, socialização e fase adulta. A infância é uma base de aprendizado e formação da pessoa como indivíduo. A psicologia tem um papel de compreender a necessidade das interações sociais e estudar o comportamento e cognição do indivíduo, principalmente os impactos da socialização. Tem como objetivo descrever o desenvolvimento da autoestima desde a infância e suas influências na fase adulta, analisar e pontuar as consequências na vida adulta decorrente de uma infância negligenciada, correlacionar as influências do ambiente na formação da autoestima. Nas buscas foram selecionados 12 artigos que se enquadram nos requisitos de inclusão do estudo. Os resultados mostram que crianças inseridas em um ambiente negligente, impossibilitado de aprender a lidar com as frustrações, ao se tornar adultos tendem buscar aceitação, distorcer sua identidade e a repetir comportamentos negativos. A função da psicologia é proporcionar um espaço de escuta ao indivíduo e trabalhar suas crenças. O estudo em questão pode ser utilizado como prévia para pesquisas mais aprofundadas, a fim de reforçar a importância de atribuir valores e acolher o ser humano principalmente na fase de desenvolvimento.

**Palavra-chave:** autoestima, terceira infância, fase adulta, autoestima da criança, socialização infantil, relacionamento pais e filhos.

### Summary

The present work will be a bibliographic, exploratory, basic research, in which we intend to expand the knowledge by approaching adult self-esteem based on its construction and structuring in the third childhood, an area that encompasses self-esteem, third childhood, socialization, and adulthood. Childhood is a foundation of learning and formation of the person as an individual. Psychology has a role in understanding the need for social interactions and studying the individual's behavior and cognition, especially the impacts of socialization. It aims to describe the development of self-esteem since childhood and its influences on adulthood, to analyze and score the consequences in adulthood resulting from a neglected childhood, to correlate the influences of the environment in the formation of self-esteem.

In the search 12 articles were selected that fit the inclusion requirements of the study. The results show that children inserted in a neglected environment, unable to learn to deal with frustrations, when becoming adults tend to seek acceptance, distort their identity and repeat negative behaviors. The role of psychology is to provide a listening space for the individual and to work on his or her beliefs. The study in question can be used as a preview for further research in order to reinforce the importance of attributing values and welcoming the human being, especially in the developmental phase.

**Key words:** self-esteem, third childhood, adulthood, children's self-esteem, children's socialization, parent-child relationship.

## Apresentação

A autoestima é a leitura de si mesmo, a forma em que o ser humano se vê sendo positivo ou negativo, é um conjunto de sentimento e valores que a pessoa atribui para sua imagem, suas habilidades, sua personalidade e capacidade, ela é construída através das relações interpessoais, crenças, emoções, comportamentos e da autoimagem, sendo que, a visão que os outros tem de nós e descreve exerce grande influência na nossa percepção.

Começa a se estruturar na infância, tendo em vista que uma criança é facilmente moldada, essa construção tem início através das influências parentais, primeiramente repetindo comportamentos nos quais elas observam. Desse modo o ambiente em que ela está inserida é a base do desenvolvimento de sua autoimagem.

As relações conjugais parentais apesar de ser um papel de marido e esposa, estão inteiramente ligadas ao relacionamento pais e filhos, quanto ao que se diz respeito no desenvolvimento da criança, percebe-se que em geral, uma relação marital conflituosa faz com que seus cônjuges sejam menos atenciosos e sensíveis aos seus filhos, por outro lado uma relação satisfatória torna-se positiva e oferece suporte às crianças, o que influencia na construção social em cada fase da infância.

Piaget ao falar do desenvolvimento infantil, separa a infância em três fases, sendo a primeira infância (0 a 3 anos), a segunda infância (3 a 6 anos) e terceira infância (6 a 12 anos). Uma criança na fase da segunda infância tem pensamentos e declarações unidimensionais, sendo assim, ela não consegue identificar duas emoções e pensamentos ao mesmo tempo, o que impede reconhecer sua identidade real. Partindo disso a criança começa a compreender aspectos específicos sobre a sua identidade ao entrar na terceira infância.

Na terceira infância a criança passa a pensar mais logicamente, suas habilidades linguísticas e sua memória ampliam e começa a desenvolver a sua autoimagem e consequentemente a autoestima. É nessa fase também que se inicia a interação entre pares no meio escolar, expondo a um novo grupo social, alguns autores demonstram uma certa preocupação com as consequências que podem ocorrer nesse processo de adaptação a esse novo grupo.

É importante ressaltar a necessidade de haver um preparo para lidar com as frustrações antes de ser inserida nesse novo contexto social, pois esse momento a criança entra em contato com culturas e crenças diferentes do que ela está habituada, o que pode ser prejudicial em vista que a partir das interações se dá a construção da sua identidade e percepção de si mesma.

Alguns pais enfatizam a necessidade dos seus filhos serem bondosos e disciplinados, ensinando-os a pensarem nos outros, se esse comportamento for medido de forma assertiva torna-se positivo, pois as crianças precisam ser conscientizadas que não existe só ela no mundo e suas atitudes influenciam o outro, para que não se tornem egoístas, porém se os pais fizerem cobranças exageradas esse comportamento, a criança devolve insegurança, medo de falhar e ficará necessidade de aprovação para que se sinta aceita.

Segundo alguns autores existem pais que frequentemente reprimem seus filhos, destacando suas atitudes que consideram erradas, transmitindo a eles uma imagem negativa de si mesmo e acabam contribuindo para construção de uma autoestima rebaixada.

Crianças com sentimento de inferioridade, acabam sendo tímidas, pois tem receio de estabelecer relações por se sentirem inseguras e acreditarem não possuir qualidades, além do estresse causado pela busca de aceitação e frustração quando isso não ocorre. Portanto crianças que são introvertidas, não necessariamente são negativas e com sentimento de inferioridade, algumas apenas sentem desconforto em chamar atenção.

As primeiras experiências e relações das crianças, e posteriormente dos adolescentes, são com seus pais e responsáveis. Seus primeiros aprendizados afetam diretamente o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e físico. É importante compreender que sofrer negligência no processo de desenvolvimento interfere nas relações dessa criança.

O modo como o indivíduo recebe e processa as informações é um reflexo do adulto que se tornará, considerando que grande parte dos comportamentos são aprendidos, esse indivíduo poderá repetir com o outro o que observou nos seus pais, como também poderá se tornar um adulto com autoestima rebaixada e que necessita de aprovação. Sendo prejudicial primeiramente a si mesmo, mas também nas suas relações interpessoais, na vida profissional bem como nos relacionamentos afetivos.

Contudo crianças que recebem afeto, atenção e são ensinadas a lidar com suas frustrações, criadas em um sistema de parentalidade democrática, tendem a se tornar adultos mais resilientes, autoconfiantes, com autoestima equilibrada, possuindo uma rede de apoio.

Conforme exposto este artigo tem como principal objetivo:

- Descrever o desenvolvimento da autoestima desde a infância e seus impactos na vida adulta.
- Analisar e pontuar as consequências na vida adulta decorrente de uma infância negligenciada.
- Correlacionar as influências do ambiente na formação da autoestima

### Metodologia

A presente pesquisa será bibliográfica, exploratória, de natureza básica, na qual pretendemos expandir o conhecimento abordando as relações sociais e parentais e sua importância na construção da autoestima. Através da avaliação de dados seguros será possível compreendermos o tema. A abordagem será qualitativa, a partir do levantamento de referências teóricas já publicadas sobre a temática. A pesquisa será realizada com os seguintes descritores: autoestima, terceira infância, fase adulta, autoestima da criança, socialização infantil, relacionamento pais e filhos.

Dentre os 12 artigos inclusos nesse estudo, 1 realiza uma revisão teórica sobre o desenvolvimento emocional e linguagem a partir das interações sociais, 3 discorrem sobre o comportamento dos filhos diante o relacionamento com os pais, 1 discursa sobre a internalização de ideias e cultura com base na formação da autoestima, 1 discorre sobre a importância do papel da escola na consolidação da socialização infantil, 1 descreve a família como modeladora da criança e a autoestima no desenvolvimento social, 1 expõe sobre o desenvolvimento humano de ordem emocional, social, cognitivo, motor e da personalidade no contexto sociocultural, 1 discorre referente a personalidade e identidade do indivíduo, 1 analisa a relação do apego com o desenvolvimento social e afetivo, 1 associa dificuldade acadêmica, disfunção familiar e meio social com depressão, 1 discorre sobre o sentimento de inferioridade e sua influência nas interações sociais.

Inicialmente foram selecionados 31 artigos, entretanto 19 entraram no critério de exclusão, pois a pesquisa que está sendo desenvolvida é de natureza básica e os artigos são de natureza aplicada. Os 12 artigos os quais atenderam ao critério de inclusão, foi buscar por palavras chaves e ano de publicação entre 1996 e 2016, conforme apresenta à tabela 1.

**Tabela 1: Descrição dos artigos incluídos na pesquisa.**

	<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Autores</b>
<b>A1</b>	1996	Socialização e Depressão Infantil	Cavalcante, R. S. C.
<b>A2</b>	2000	Aprendendo a se Estressar na Infância	Tricoli, V. A., & Bignotto, M. M.

<b>A3</b>	2004	Uma Bússola no Labirinto Bases que Formam e Investigam a Autoestima	Assis, S. G., & Avanci, J. Q.
<b>A4</b>	2007	O Papel da Escola no Processo de Socialização Infantil	Borsa, J. C.
<b>A5</b>	2009	Relação familiar e Autoestima	Diogo, F. V.
<b>A6</b>	2009	Práticas de Socialização e Desenvolvimento na Educação Infantil: Contribuições da Psicologia Sociocultural	Pinto, R. G., & Branco, A. U.
<b>A7</b>	2009	A Construção de uma Identidade para o Adulto Maduro a Partir da Subjetividade do Imaginário Social	Barros, C. A. M.
<b>A8</b>	2012	Relações de vínculo com o pai e a mãe na primeira infância e a sua relação com a autoestima.	Zapirain, N. P., & Arratibel, M. E.
<b>A9</b>	2014	Negligência Afetiva e Parentalidade: Contributo(s) de pais e crianças para a elaboração de um programa de prevenção do risco na infância.	Gomes, M. F. M.
<b>A10</b>	2014	Relação dos pais, auto-estima e sintomatologia depressiva em adultos jovens. Implicações do conflito interparental, coligação e triangulação.	Pinheiro Mota, C., & Mena Matos, P.
<b>A11</b>	20015	Descrição de um Percurso na Construção da Autoestima de Uma Criança	Frada, C. M. S.
<b>A12</b>	2016	Faça o que Eu Digo, Não Faça o que Eu Faço: A Relação Entre Adultos na Socialização Infantil no Consumo Alimentar	Da Fonseca Massylio, M. F., & Campos, R. D.

### Resultados e Discussão

Após a leitura de cada artigo selecionado, considera-se que:

O A1 e A4 são estudos feitos sobre desenvolvimento infantil sugerindo que as interações sociais contribuem para o desenvolvimento emocional e identificação da criança como ser social, o A1 aponta dois tipos de interações necessárias para a criança: o primeiro tipo são os relacionamentos verticais, que incluem a relação da criança com os pais ou responsáveis, o segundo é os relacionamentos horizontais, sendo a criança com seus colegas e amigos. Esse tipo de experiência ajuda as crianças a desenvolverem habilidades sociais necessárias nas interações e relacionamentos, assim como o seu senso de valor próprio.

O A2, A11 e A12 o estilo parental e a postura que os pais exibem com relação aos seus filhos, a comunicação e o tipo de parentalidade irá influenciar a forma como os valores são transferidos aos seus filhos, deve se considerar que as crianças são socializadas através de três tipos de processo: a observação, imitação de comportamento dos pais e as interações familiares, a relação entre pais e filhos tem como um dos objetivos transmitir valores para suas crianças, a maneira que esses pais interagem com os seus filhos sendo muito rígidos ou flexíveis demais fazendo tudo e não atribuindo funções a eles, irá determinar a sua autopercepção, podendo transformá-las em crianças com sentimento de inferioridade e que buscam sempre aprovação dos outros.

O A3, A5 e A11 a autoestima é uma avaliação de si mesmo, acompanhada de uma atitude positiva ou negativa, de aprovação ou desaprovação dela como um objeto particular de si própria. Uma das bases da formação da autoestima está na internalização de ideias que são passadas às crianças sobre o valor delas mesmas, já que elas não possuem um filtro para selecionar as informações que estão recebendo do seu meio social, seja por colegas, amigos, pais ou família.

O A6 a cultura tem como partilha as práticas da sociedade. É através das trocas culturais nas interações sociais que afetam o funcionamento, a organização e a constituição das funções psicológicas, influenciando características na personalidade. As mensagens culturais são recebidas, transformadas e internalizadas no meio social, desse mesmo modo a criança no seu desenvolvimento recebe essas constantes informações que são preponderantes na formação de si e do mundo.

O A7 a personalidade é uma identidade, uma marca de como um indivíduo pensa, sente e age consigo e as demais pessoas. Essa identidade pode ser definida como um processo de crescente autonomia e internalização geradas pela socialização.

O A8 a teoria do apego de Bowlby é considerada uma das mais fortes contribuições teóricas no desenvolvimento socioemocional, sua importância está na conexão dos comportamentos, sentimentos e relacionamentos. As interações com as figuras de apego incluem o sentir-se amado, aceito e protegido, construindo um modelo de relações a serem estabelecidas ao longo da vida.

O A9 e A10 o relacionamento parental está ligado na formação da autoestima. A parentalidade pode ser caracterizada como uma forma de garantir a educação e o desenvolvimento de uma criança, a individualidade dos pais afeta a motivação e a forma que a criança reage aos estímulos e a educação. O A10 tem um enfoque nas relações parentais como prevenção de sintomas de depressão.



O A12 faz uma ligação dos estilos de parentalidade com a forma que a criança é ensinada a lidar com o consumo alimentar.

### **Considerações Finais**

Portanto conclui-se que nesse presente trabalho, através de uma pesquisa bibliográfica, apesar da escassez de material encontrado sobre o tema, foi possível analisar que a construção da autoestima da criança na terceira infância se dá por meio das nossas relações sociais, grupos onde há uma diversidade de cultura e crenças e principalmente as relações parentais, em vista que é a principal estrutura de formação da criança.

Nessa pesquisa foi relatada a importância de fornecer para a criança um ambiente acolhedor, fornecendo o apoio necessário para suprir suas necessidades e ensiná-la a lidar com suas frustrações, além de prepará-la para ser inserida em um novo contexto social que de início pode lhe causar estranheza por ser um ambiente desconhecido.

Foi citado que as relações conjugais influenciam na criação dos filhos, pois uma relação conflituosa leva a falta de apoio, tão primordial nessa fase. Pais que constantemente reprimem e cobram dos seus filhos um comportamento bondoso e disciplinado de forma excessiva e destacam suas atitudes negativas, formam crianças inseguras com necessidade de aprovação, se tornando posteriormente um adulto com a autoestima rebaixada e com dificuldade de socialização.

Nesse contexto a psicologia tem o papel de pesquisar e compreender as relações sociais e parentais, se possível fazer um trabalho de prevenção com os pais, mostrando a importância da parentalidade democrática e como o relacionamento que eles estabelecem com seus filhos são precisos no adulto que eles se tornarão.

O estudo em questão pode ser utilizado como iniciativa para pesquisas mais aprofundadas, a fim de expandir o conhecimento abordando a influência das relações na terceira infância na construção da autoestima do adulto, visto que é um tema que não tem tanto destaque e conteúdo de pesquisa, mas é um assunto necessário, tendo em consideração que a baixa autoestima pode causar diversos problemas ao indivíduo.

### **Referências**

- Assis, S. G., & Avanci, J. Q. (2004). Uma bússola no labirinto: bases que formam e investigam a auto-estima. *Assis SG, Avanci JQ. Labirinto de espelhos: formação da auto-estima na infância e na adolescência. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 25-48.*
- Barros, C. A. M. (2009). A construção de uma identidade para o adulto maduro a partir da subjetividade do imaginário social. *Vínculo-Revista do NESME, 6(1), 79-89.*
- Borsa, J. C. (2007). O papel da escola no processo de socialização infantil. *Rio Grande do Sul.*
- Cavalcante, R. S. C. (1996). Socialização e depressão infantil. *Journal of Human Growth and Development, 6(1-2).*
- Da Fonseca Massylio, M. F., & Campos, R. D. (2016). Faça o que eu digo, não faça o que eu faço: A relação entre adultos na socialização infantil no consumo alimentar. *Revista Brasileira de Marketing, 15(4), 474-485.*
- DAVIS, C., FIORI, W., & RAPPAPORT, C. (1981). Psicologia do desenvolvimento: a idade escolar e a adolescência. *São Paulo: EPU, 3, 70.*
- De La Taille, Y., De Oliveira, M. K., & Dantas, H. (2019). *Piaget, Vigotski, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.* Summus editorial.
- Dessen, M. A., & Costa, A. L. (2005). A ciência do desenvolvimento humano. *Porto Alegre: Artmed.*
- Diogo, F. V. (2009). Relação familiar e auto-estima. *Artigos Anestesiologia Veterinária. v. 9 | n. 1 | p. 17-24*
- Frada, C. M. S. (2015). *Descrição de um percurso na construção da autoestima de uma criança* (Doctoral dissertation).
- Gomes, M. F. M. (2014). *Negligência afetiva e parentalidade: contributo (s) de pais e crianças para a elaboração de um programa de prevenção do risco na infância* (Doctoral dissertation, Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu).
- Pinheiro Mota, C., & Mena Matos, P. (2014). Relación parental, autoestima y sintomatología depresiva en jóvenes adultos. Implicaciones de los conflictos interparentales, coalición y triangulación. *Universitas Psychologica, 13(3), 907-922.*
- Pinto, R. G., & Branco, A. U. (2009). Práticas de socialização e desenvolvimento na educação infantil: contribuições da psicologia sociocultural. *Temas em Psicologia, 17(2), 511-525.*
- Rappaport, C. R., FIORI, W. D. R., & Davis, C. (1982). Psicologia do desenvolvimento: a idade escolar e a adolescência. *São Paulo: EPU, 4, 52-62.*
- Tricoli, V. A., & Bignotto, M. M. (1999). Aprendendo a se estressar na infância. *O Stress está dentro de você, 115.*
- Zapirain, N. P., & Arratibel, M. E. (2012). Las relaciones de apego con el padre y la madre en la segunda infancia y su relación con la autoestima. *International Journal of Developmental and Educational Psychology, 1(1), 177-187.*